

BIENALS

Fazia muitos anos que não entrava no prédio da Oca, obra de Oscar Niemeyer e equipe incluída no conjunto de edificações projetadas para o Parque do Ibirapuera inaugurado em 1954 para comemorar o IV Centenário da capital paulista. Apesar de não estar bem cuidada como deveria por suas qualidades e por ser tombado, é sempre um prazer circular por seu interior. Dessa vez, fui para ver a 14ª Bienal Internacional de Arquitetura de SP, com o tema apropriado para aquecer os debates da COP 30 – “Extremos: Arquiteturas para um Mundo Quente”.

A crise climática já não é mais algo distante, já estamos vivendo as mudanças do clima que, num país onde a desigualdade social e a falta de infraestrutura básica nas cidades é enorme, transforma-se em pauta urgente e essencial para arquitetos e urbanistas em sua profissão ao projetar os abrigos para a vida humana em tempos de aquecimento, eventos extremos, inundações, etc. Um dos curadores era meu professor Renato Anelli, que organizaram as diversas seções da mostra trazendo desde práticas ancestrais a tecnologias que estão surgindo e se impondo, experiências, projetos locais ou de alcance global. Devo dizer que fazia tempo também que não via uma Bienal de Arquitetura tão rica, diversa e bem montada, permitindo refletir sobre o que estamos produzindo e o que já é necessário na arquitetura e no urbanismo.

Infelizmente, os conceitos do chinês Kongjian Yu com suas propostas de “Cidade-esponja” tiveram sua atenção em parte afastadas pelo impacto de sua morte prematura num acidente aéreo durante a Bienal, quando visitava o Pantanal. Conceito que se refere a cidades com a capacidade de absorver, reter e usar a água da chuva por meio de soluções baseadas na natureza, fundamentais para as grandes cidades aumentarem sua capacidade de resistir aos eventos climáticos extremos. Temos dificuldade enorme em dar continuidade a projetos desta natureza, que demandam grande tempo de implantação, vide o Parque Ecológico do Tietê ou o de Indaiatuba, ambos de Ruy Ohtake, acabam incompletos, uma das marcas da nossa triste política é a descontinuidade de projetos de outros governantes pelo gestor de plantão.

Foi possível ver excelentes projetos de parques urbanos e parques lineares, muitos realmente implantados, coisa que não vemos desde o século passado em Franca, assim como obras de reuso e reutilização de estruturas antigas, importantes vetores de sustentabilidade urbana. Renovados, atravessamos o jardim entre a Oca e o Pavilhão Ciccillo Matarazzo para ver a 36ª Bienal de Arte de São Paulo. Como sempre, para os comuns mortais como nós, os curadores se esmeram em produzir textos herméticos e recheados de “abobrinhas” para “explicar” o que iremos ver e sentir com a fruição das obras. Para os curadores, a Bienal se “inspira no poema “Da calma e do silêncio”, de Conceição Evaristo, e tem a escuta ativa, o encontro, a negociação e o respeito como fundamentos da humanidade como prática”. Ao todo, 120 artistas participam da mostra. Como sempre, gostei de alguns e detestei outros. Faz parte do pacote tradicional da Bienal.

Mauro Ferreira é arquiteto